



## **ECOIDEOLOGIA: IDEOLOGIA DA VIDA COMO SUPRAIDEOLOGIA**

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

**Abstract:** The objective of this article is to show that human beings are not the center of life on the face of the earth. Their ideologies of various types must be filtered through the ideology of life, called eco-ideology or bio-ideology. A large part of human ideologies has been the cause of devastation of life forms on the face of the earth, which may lead to the end of human life itself, as their lives are part of life in general. Therefore, for their own good, or for their own survival, it is important to respect not only animal and plant life but also their abiotic bases.

**Key-words:** Humanism; Animalism; Vegetalism; Inorganicism; Life on the face or earth; Ideologies; Ecoideology.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que o ser humano não é o centro da vida na face da terra. Suas ideologias dos mais diversos tipos devem ser filtradas pela ideologia da vida, chamada ecoideologia ou bioideologia. Grande parte das ideologias humanas têm sido causa de devastação das formas de vida na face da terra, o que pode levar ao fim da vida dos próprios humanos, pois sua vida é parte da vida em geral. Portanto, para seu próprio bem, ou para sua própria sobrevivência, é bom que respeite não só a vida animal e a vegetal, mas também suas bases abióticas.

**Palavras-chave:** Humanismo; Animalismo; Vegetalismo; Inorganicismo; Vida na face da terra; Ideologias; Ecoideologia.

## 1. Introdução

Gostaria de começar este artigo explicando os termos do título, uma vez que eles não são muito conhecidos. Ecoideologia é a ideologia adotada pela Linguística Ecosistêmica (LE) e pela Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE), de que esta revista é um porta-voz. Os dois princípios fundamentais da ADE são justamente (a) defesa incondicional da vida e (b) luta contra sofrimento evitável. Vale dizer, tudo tem a ver com a vida, motivo pelo qual a ecoideologia tem sido chamada também de bioideologia, isto é, ideologia da vida, através da qual todas as demais ideologias são vistas; todas estão subordinadas a ela. Por esse motivo, ela é uma supraideologia,

Em Fernandes, Silva & Couto (2025) foram usados os conceitos de humanidade, animalidade, vegetalidade e inorganicidade. Trata-se de níveis da realidade vital, que podem ser estudados como tais. No presente artigo vou falar de humanismo, animalismo, vegetalismo e inorganicismo como maneiras de encarar os seres dos quatro níveis. Melhor dizendo, trata-se de quatro posturas ideológicas sobre esses níveis, no sentido positivo de ideologia discutido na seção 2. Nenhuma das duas séries de termos está sendo usada no sentido de inorgânico, orgânico e superorgânico do evolucionista Herbert Spencer (1820-1903), que defendia o darwinismo social, nem no do antropólogo Alfred L. Kroeber (1876-1960). Segundo Kroeber, a cultura está no nível do superorgânico, é algo distinto que não pode ser reduzido a nenhum dos outros dois níveis. Poderíamos estabelecer o seguinte quadro, em que “visão da realidade” é o conjunto de ideias (ideologia) sobre a respectiva realidade, conjunto que revela o modo pelo qual a vemos.

<b>nível da realidade</b>	<b>inorgânico</b>	<b>vegetal</b>	<b>animal</b>	<b>humano</b>
<b>tipo de realidade</b>	inorganicidade	vegetalidade	animalidade	humanidade
<b>visão da realidade</b>	inorganicismo	vegetalismo	animalismo	humanismo

Na LE e na ADE tudo isso é visto de uma perspectiva um tanto diferente. Na verdade, elas não seguem os três conceitos do evolucionismo nem os rechaça inteiramente. As duas reconhecem que a língua apresenta três dimensões, donde a existência do ecossistema linguístico natural, do mental e do social (COUTO, 2015). O mesmo vale para a cultura em geral, de que a língua faz parte, fato amplamente discutido em Couto (2018), onde se encontram muitas outras referências bibliográficas.

Como última observação introdutória, gostaria de dizer que os quatro pares de termos utilizados neste artigo ainda não são usuais na língua portuguesa. Sei que há muita resistência ao uso de neologismos, o que não acontece em língua inglesa com a mesma intensidade. Vale a pena lembrar que os seis termos estão perfeitamente dentro das regras sistêmico-morfológicas que constituem o conhecimento dos falantes, embora até agora fossem palavras inativadas (MAKKAI, 1993). O que eu fiz foi simplesmente ativá-las, mesmo não sendo um Guimarães Rosa.

### 2. Ideologia

Na Introdução estão mencionados pelo menos dois tipos de ideologia. Nesta seção do artigo vou me valer basicamente do capítulo “Ideologia” do livro que meu amigo Hildo H. do Couto publicou em coautoria com Elza Kioko do Couto e Lorena Borges. O capítulo não só define o termo, mas também traça seu perfil histórico. Nota-se que há duas concepções básicas de ideologia, uma positiva e uma negativa. A concepção positiva é a original e recua ao enciclopedista Destutt de Tracy (1754-1836), criador do termo. Para ele, ela era a ciência das ideias, inclusive ideias de grupos sociais. A concepção negativa recua a Napoleão (1769-1821) que, de admirador de Tracy e seu grupo, passou a considerá-los meros praticantes de “ideologia”, que para ele não passava de metafísica desligada da vida prática. Karl Marx (1818-1883) retomou o termo mais ou menos nesse sentido. Para ele ver o mundo ideologicamente é vê-lo às avessas, ou de cabeça para baixo. Um exemplo seria considerar as ideias da elite de um país como se fossem as de toda sua população, tomando-se a parte pelo todo (COUTO, COUTO & BORGES, 2015, p. 65-79). Isso está muito bem discutido da perspectiva sociológica em Löwy (1985).

De qualquer forma, as ideologias são inevitáveis, fazem parte de nosso cotidiano, mas, como já notado, a Linguística Ecosistêmica e a Análise do Discurso Ecosistêmica as veem sempre pelo filtro da ecoideologia da visão ecológica de mundo (VEM), a ideologia da vida, a bioideologia como já observado. Não nos esqueçamos que Biologia é a ciência da vida.

Vejamos o caso da mulher que é maltratada, espancada e até assassinada por um marido ou companheiro violento. A ideologia feminista defende, com toda razão, a prisão imediata desse homem. A ecoideologia, por seu turno, procuraria alguma maneira de resolver esse conflito pela não violência, como fazia Gandhi. Afinal, prisão é um tipo de violência. Algemar o agressor e levá-lo imediatamente para a prisão pode fazer com que ele volte mais violento após ser solto em uma audiência de custódia. Proibi-lo de não se aproximar da mulher até tantos metros tampouco funciona, pois normalmente não há uma barreira física nem um policial armado na porta para impedir que ele desrespeite essa restrição. Porém, se for possível convencê-lo de que ir para a prisão não é uma boa opção, por exemplo, após mantê-lo detido por umas duas noites, pode ser que funcione melhor a médio e longo prazo. Depois disso é bem provável que ele não queira correr o risco de ficar anos a fio trancafiado em um presídio.

Pode acontecer de o homem ser de uma violência sem limites, que nada teme ou respeita. Nesse caso, não há outra solução. Ele deve ser algemado e levado para a prisão. Esse último recurso visa a defender a vida da mulher e evitar que ela sofra nas mãos dele. Ela é a vítima, ele o agressor. Portanto, o sofrimento dela deve ser tratado com prioridade, frente ao dele na cadeia. Ficar ele encarcerado é um mal menor do que ela ser agredida e correr o risco de ser assassinada. Os graus de sofrimento fazem parte dos princípios da ADE.

A edição online da *Folha de São Paulo* de 19/07/2025 informa que uma menina indígena (warao) venezuelana de 12 anos, grávida de oito meses, morreu em Betim (MG) em 13/07/2025 de choque refratário devido a um parto cirúrgico (cesariana) de emergência. Uma semana após o parto o bebê

ainda estava vivo e internado em estado estável. Nesse caso, qual das duas vidas deve ter prioridade? Pelo menos nos estágios iniciais, a ADE recomendaria dar prioridade à vida da menina. A gravidez resultou de uma violência contra ela, o que já lhe causou grande sofrimento. Nesses estágios iniciais, o sacrifício do feto implicaria menos sofrimento do que o da criança engravidada violentamente. Mas, por se tratar de situações-limite, casos como esses devem ser analisados caso a caso, levando em conta toda a situação.

A seguir apresento as principais ideologias que podem ser vistas pelo binóculo da ecoideologia. São elas o humanismo, o animalismo, o vegetalismo e o inorganicismo. A maioria delas se ramifica em sub-ideologias.

### 3. Humanismo

A ideologia do humanismo deve ter existido provavelmente desde a evolução do *homo erectus* para o *homo sapiens*, provavelmente entre 100 e 300 mil anos atrás. Essa ideologia está muito bem exposta no famoso dito de Protágoras (490-420 a.C.), segundo o qual “O homem é a medida de todas as coisas; das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. No renascimento (séc. XIV-XVI), ela passou a ser, digamos assim, a ideologia oficial, rechaçando o escolasticismo, o misticismo e o dogmatismo da religião, valorizando a razão, a ciência e a natureza.

Houve alguns movimentos que em grande parte deram seguimento ao ideário do renascimento. Um deles é o mercantilismo (séc. XV/XVI e XVIII), da época das chamadas grandes navegações, com a criação e exploração comercial de colônias. Foi nessa época que surgiram os estados modernos. Eles deviam acumular riqueza, sobretudo sob a forma de ouro e prata, e controlar o comércio para garantir esse acúmulo. O mercantilismo foi duramente criticado por Adam Smith (1723-1790). Outro movimento é o iluminismo (séc. XVII e XVIII), que consistia na valorização da razão, da ciência e do conhecimento para “iluminar” a vida em sociedade e fomentar o progresso. Sobrepondo-se a essas duas ideologias, houve também a revolução científica (séc. XVI-XVIII), relacionada a nomes como Galileu Galilei (1564-1642), Isaac Newton (1643-1727), René Descartes (1596-1650), Nicolau Copérnico (1473-1543) e Francis Bacon (1561-1626), entre outros. Bacon é sabidamente um dos iniciadores da metodologia científica (indutiva, empirista). Todos esses movimentos se enquadram na ideologia do humanismo, que tem os humanos como centro das atenções.

De final do século XIX até meados do século XX houve o materialismo dialético e o marxismo, formulados por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), movimentos que explicitamente se enquadram na ideologia do humanismo. Por fim, a esmagadora maioria das filosofias atuais são humanistas. Com isso não quero dizer que o humanismo é um mal. O problema é que ele frequentemente leva ao antropocentrismo, com menosprezo pelos demais tipos de vida, como as dos animais não humanos e a dos vegetais.

## ECO-REBEL

O pensador atual Noah Yuval Harari tem uma opinião nada positiva sobre o humanismo. Para ele, "a primeira onda de colonização dos *sapiens* foi um dos maiores e mais rápidos desastres ecológicos a acometer o reino animal", foi uma "tragédia ecológica". O *homo sapiens* virou um "assassino em série da ecologia", "o novo megapredador". A consequência foi que "na mesma época em que o *homo sapiens* foi elevado a um status divino pelas religiões humanistas, os animais de criação deixaram de ser vistos como criaturas vivas capazes de sentir dor e sofrimento e passaram a ser tratados como máquinas" (HARARI, 2020, p. 100-107, 108, 109).

Harari vai mais longe em sua visão pessimista sobre o humanismo. De modo um tanto sarcástico, ele diz: "Não acredite nos abraçadores de árvores que afirmam que nossos ancestrais viveram em harmonia com a natureza. Muito antes da Revolução Industrial, o *Homo sapiens* já era o recordista, entre todos os organismos, em levar as espécies de plantas e animais mais importantes à extinção". Culminando tudo isso, a própria "Revolução Industrial ... libertou a humanidade de sua dependência do ecossistema a sua volta". Como consequência, "nosso planeta, um dia verde e azul, está se tornando um shopping center de plástico e concreto" (HARARI, 2020, p. 109, 469).

Ao longo do livro Harari faz diversas outras asserções que contestam o antropocentrismo implícito no humanismo. Vejamos apenas mais uma: "Os humanistas acreditam que a natureza única do *Homo sapiens* é a coisa mais importante do mundo e determina o significado de tudo que acontece no universo" (HARARI, 2020, p. 310). Mesmo que o humanismo se manifeste sob o manto de alguma outra ideologia, a essência é sempre a mesma. Passemos em revista alguns dos avatares pelos quais o humanismo tem se manifestado.

Um primeiro grupo desses avatares é o das ideologias políticas. Entre elas temos o socialismo, o sionismo, o nazismo e o fascismo. Todas essas ideologias pertencem ao nível social. Nem é necessário entrar nos pormenores de cada uma delas. Elas são sobejamente conhecidas por qualquer pessoa bem informada. Aqui entraria também o chauvinismo patriótico. Há muitas outras ideologias políticas; à medida que a sociedade avança, surge nova ideologia.

Um segundo grupo de ideologias que se enquadram no humanismo é constituído pelas ideologias religiosas. No ocidente as três mais fortes são o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, se é que podemos considerar os dois últimos como ocidentais. Mais para o oriente, sobressaem-se o hinduísmo, com várias subdivisões, e o budismo. Talvez possamos incluir aí também taoísmo, embora ele pareça mais uma filosofia de vida em harmonia com a natureza do que uma religião. O confucionismo, sim, é claramente uma ideologia, quando não porque procura justificar as hierarquias, estatais ou não.

O terceiro grupo é o do que poderíamos chamar de ideologias atitudinais. Uma das mais conhecidas é o elitismo, segundo a qual algumas pessoas se consideram de elite, logo, mais refinadas, ricas e poderosas do que o comum dos mortais. Mas, existem outras, como a que poderíamos chamar de aulicismo (de *áulico* = corte) que, na verdade, é muito parecido com o elitismo. O egocentrismo é a atitude que leva algumas pessoas a se considerarem o centro de tudo. Ele é primo primeiro do egoísmo, que se opõe ao altruísmo.

## ECO-REBEL

No quarto grupo poderíamos enquadrar as ideologias diversóforas (contra a diversidade de qualquer tipo). Entre elas temos a gerontofobia/velhofobia e a gordofobia. Algumas são também de gênero, como a homofobia, o machismo/androcentrismo, o sexismo, a misoginia. Mas, há também ideologias diversóforas, como o feminismo, o ecofeminismo, o movimento LGBTQIA+ etc.

Em quinto lugar temos as ideologias étnicas. Por exemplo, os gregos se consideravam o único povo civilizado, todo o resto era bárbaro. Para eles povos que não falavam grego só faziam “br-br”, onomatopeia de que derivou a palavra “bárbaro”. O etnocentrismo é a manifestação mais conspícua desse grupo de ideologias, que se manifestavam de maneira bem clara na cultura grega, mas, até certo ponto em diversos outros povos, que têm um racismo enraizado e apresentam uma grande xenofobia contra imigrantes de outras “raças”.

Nota-se que muitas das ideologias que acabam de ser mencionadas se entrecruzam. Nenhuma delas se enquadra de maneira estanque em determinada categoria. Um bom exemplo seria a intersecção que pode ser notada entre nazismo e etnocentrismo.

Por fim, gostaria de acrescentar que em 10 de dezembro de 1948 a Organização das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). O objetivo era reconhecer os direitos fundamentais de todos os seres humanos, independentemente de origem, credo, raça, gênero e condição social. Vale dizer, visava a contornar vários vieses implícitos em muitas das ideologias diversóforas mencionadas acima. Apesar de bem intencionada, porém, a DUDH não deixa de valorizar o antropocentrismo e ignorar as demais formas de vida na face da terra, como a dos animais não humanos, dos vegetais e de suas bases abióticas. É disso que vou falar nas três seções seguintes.

### 4. Animalismo

Dada a arrogância humana, o animalismo não tem merecido a mesma atenção que se vê dedicada ao humanismo ao longo do tempo, embora possam ser pinçadas, desde a Antiguidade, vozes clamando no deserto que os animais também sofrem e não devem ser maltratados. Um dos primeiros exemplos é Pitágoras (570-495 a.C.). Ele achava que os animais têm alma e que ela se transmite de geração em geração. Bem mais tarde Rousseau (1712-1778) se manifestou sobre o assunto e, em termos mais incisivos, Voltaire (1694-1778). Eles contestavam Descartes (1596-1650), que achava que os animais são como máquinas, não têm alma, logo, não sentem dor. Se não sentem dor, não é necessário ter compaixão por eles, concluem os infligidores de maus-tratos.

Mais ou menos na mesma época, o polímata escocês John Oswald publicou o livro *The Cry of Nature or an Appeal to Mercy and Justice on Behalf of the Persecuted Animals* (1791). O pensador utilitarista britânico Jeremy Bentham (1748-1832) achava que os animais têm os mesmos direitos que os humanos. Em sua opinião, a questão não é se eles pensam ou falam, mas se eles sofrem. Até o filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860) se manifestou contra experimentos com animais,

## ECO-REBEL

defendendo a ideia de que a ética deve incluí-los. Enfim, o pensador britânico Henry Salt defendeu explicitamente o direito dos animais no livro *Animals' Rights: Considered in Relation to Social Progress*, de 1892. Ele se manifestou claramente contra a caça esportiva.

Houve outras manifestações em prol da vida dos animais, mas eu gostaria de terminar com as ideias do filósofo norueguês Arne Naess, criador da Ecologia Profunda. Em toda sua obra Naess se manifestou a favor da defesa da vida na face da terra, vida sem adjetivos. Ele afirma que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização e que os animais humanos não têm o direito de impedir os animais não humanos de atingi-la. Vejamos duas recomendações que ele faz aos seguidores da Ecologia Profunda, e a todo mundo, por sinal. A primeira diz: “Não inflija sofrimento desnecessário em outros seres vivos” (NAESS, 1989, p. 171). A segunda afirma: “Tenha compaixão pelos seres sencientes” (NAESS, 2002, p. 45). Tudo isso é confirmado por um provérbio alemão que diz o seguinte: “Não maltrate um animal por prazer; ele sente dor como você” (ver FERNANDES; SILVA; COUTO, *neste volume*). O volume 22, n. 1-4, 1979, da revista de Filosofia *Inquiry* fundada por Arne Naess, é inteiramente dedicado ao direito dos animais. Eis o título de dois artigos: “The rights of wild things”, “The right not to be eaten” etc.

Existem diversos movimentos cujo objetivo é a defesa dos animais. Podemos começar pela Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada em 1978 pela UNESCO. Esta declaração reconhece que todos os animais têm direitos à vida, ao respeito e à proteção, e que nenhum animal deve ser submetido a atos cruéis. Porém, o artigo 9º diz que “Quando o animal é criado para alimentação, ele deve de ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor”. Vale dizer, essa Declaração não dá o passo seguinte, o de recomendar o não consumo de produtos animais. Para os vegetarianos essa declaração é só parcialmente válida. Como me disse um deles certa feita, o veganismo “evita derramamento de sangue”, embora a maioria das pessoas não se preocupe com isso.

A exemplo de vários países mundo afora, também no Brasil muitas cidades têm algum tipo de sociedade protetora dos animais. Em termos de legislação, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima tem o Departamento de Proteção, Defesa e Direitos Animais. Em 12/02/1998 foi criada a Lei Federal nº 9.605 (chamada de Lei de Crimes Ambientais). O Artigo 29 estabelece que “Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida: Pena - detenção de seis meses a um ano, e multa”. O Artigo 32 acrescenta que “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa”.

Está em discussão o Projeto de Lei 25/24 que torna infração gravíssima o abandono de animais em vias públicas (ruas, estradas etc.). O infrator pode levar 7 pontos na CNH e multa de R\$ 293,47. Pode também perder o direito de dirigir por até 18 meses. Tomara que esta lei seja aprovada no Parlamento e sancionada pelo Presidente da República. Infelizmente, porém, vemos amiúde notícias e imagens de pessoas soltando animais nas ruas. Às vezes vemos também alguém

maltratando algum animal. Enfim, já que essas pessoas não têm compaixão pelos animais, que sintam o resultado no bolso e no direito de ir e vir no seu querido carro. Isso significa menosprezar a vida dos animais não humanos, atitude que o filósofo australiano Peter Singer chamou de especismo.

### 5. Vegetalismo

Como ideologia, o vegetarianismo é ainda muito mais ignorado do que o animalismo, embora da perspectiva da botânica e ciências afins as plantas sejam bastante estudadas, além dos animais da perspectiva zoológica. Mas, ignorá-las ideologicamente não se justifica, assim como não se justifica ignorar os animais não humanos no mesmo sentido. Afinal, as plantas são o início da vida da maioria das espécies vivas.

Eraldo M. Costa Neto e Ana C. E. Lins afirmam que “o reino das plantas é usualmente estudado a partir da visão antropocêntrica, pela qual todos os organismos que compõem a biosfera são inferiores aos seres humanos, os quais são considerados, segundo a organização hierárquica clássica da biologia, como a espécie ápice do processo evolutivo”. Os autores acrescentam que os humanos as veem “como meros objetos que existem para nos fornecer alimento e matérias-primas empregadas na indústria farmacêutica, cosmética, na construção civil, como fonte de energia (carvão, petróleo etc.), entre outros fins”. Porém, ressaltam, “as plantas atuam como reguladoras do ciclo do carbono e da água” (COSTA NETO; LINS, 2022, p. 101).

As raras pesquisas nesta área têm discutido, sobretudo, se as plantas comunicam entre si, se sentem dor (sofrem), se reagem a estímulos do ambiente, se têm inteligência etc. Vejamos perfunctoriamente cada um desses tópicos, começando pelo que parece mais óbvio a “comunicação das plantas”.

Peter Wohlleben, afirma que “Uma única árvore não forma uma floresta, não produz um microclima equilibrado; fica exposta, desprotegida contra o vento e as intempéries. Por outro lado, muitas árvores juntas criam um ecossistema que atenua o excesso de calor e de frio, armazena um grande volume de água e aumenta a umidade atmosférica – ambiente no qual as árvores conseguem viver protegidas e durar bastante tempo” (WOHLLEBEN, 2017, p. 11). Nesse sentido, outros autores já falaram em sociedade das plantas, ou sociedade vegetal. Ora se vivem em sociedade, certamente comunicam-se entre si. Na própria botânica já se falava dessa comunicação, como se pode ver em Costa Neto & Lins (2022). Wohlleben (2017) afirma que as plantas de uma espécie e de uma população se interligam por suas raízes, inclusive ajudando plantas vizinhas. Aliás, existem ciências destinadas justamente a essa comunicação, como a Fitossemiótica.

Saber se as plantas sofrem, sentem dor é uma questão mais difícil. Há muita divergência de opinião entre os estudiosos. Provavelmente elas não sentem dor, pelo menos no sentido da humanidade e da animalidade, por não disporem de um sistema nervoso nem de um cérebro, mas apresentam reações a estímulos do ambiente, como fazem o girassol e a dormideira. Pesquisas indicam que se

## ECO-REBEL

uma planta é ferida, emite sinais que a levam a ter reações químicas de autoproteção. Tanto que há autores que dizem que elas são seres sencientes.

Se as plantas são sencientes ou não, se sofrem ou não, não importa. O que importa é que elas são seres vivos, e a vida na face da terra merece ser respeitada, admirada e reverenciada. Lembremos que o princípio primeiro da ADE é defesa incondicional da vida, defesa recomendada também pela Ecologia Profunda.

A reação das plantas a estímulos do meio em que se encontram parece bem mais óbvia. O próprio comportamento dos já mencionados girassol e dormideira é uma prova disso. Na época da seca, as plantas definham. Na região das savanas e do cerrado brasileiro, elas chegam a parecer que estão mortas. Porém, assim que chegam as chuvas, elas florescem com bastante vigor. A própria botânica trata desse tópico.

Se as plantas têm inteligência ou não já é algo altamente discutível. Porém, a Ecologia Profunda nos diz que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização. Por exemplo, o que leva o João-de-Barro a construir uma casinha que protege as crias de predadores? O acesso ao interior dessa casinha passa por um corredor, com curvas. Mais espantoso são as colmeias das abelhas. Elas apresentam uma arquitetura altamente complexa e sofisticada. A Neurobiologia Vegetal, outra ciência dedicada à “inteligência das plantas” tem revelado que “as plantas aprendem, recordam e decidem, sem possuírem cérebros” (COSTA NETO; LINS, 2022, p. 102). Na *Wikipedia* pode-se ler que “a percepção e inteligência das plantas pode ser traçada a 1848, quando o psicólogo experimental alemão Gustav Theodor Fechner sugeriu que as plantas são capazes de emoção, de modo que elas poderiam ter um grande florescimento mediante conversa, atenção e carinho” ([https://en.wikipedia.org/wiki/Plant\\_rights](https://en.wikipedia.org/wiki/Plant_rights)). Porém, pesquisas acadêmicas têm demonstrado que isso não é verdadeiro.

Quer isso seja verdade, quer não, as plantas fazem parte da cadeia da vida, como foi discutido intensamente pelo ecologista americano Aldo Leopold. Elas alimentam os herbívoros, que alimentam os carnívoros. Portanto, devem ser respeitadas e protegidas. Devemos evitar seu emurchecimento, definhamento e morte. Para a Análise do Discurso Ecológica, as plantas devem ser respeitadas pelo simples fato de serem seres vivos. Vimos que essa subteoria da Linguística Ecológica tem como princípios fundamentais a “a defesa incondicional da vida”, e “a luta contra sofrimento evitável”.

Vejamos a questão da defesa e legislação sobre as plantas. Eu encontrei na internet duas propostas de Declaração Universal de Direito das Plantas, as duas feitas de modo bastante amador e aparentemente laico e insipiente. Uma delas contém 9 artigos e é razoavelmente bem redigida; a outra conta com 22, precedidos de uma longa lista de considerandos, mas tudo muito primitivo. De qualquer forma, elas revelam que existem gatos pingados aqui e ali que se preocupam com o assunto.

## ECO-REBEL

Se a Seção II do Capítulo V da Lei Federal nº 9.605 (Dos Crimes Contra o Meio Ambiente) tratou dos “Dos Crimes contra a Fauna” (de que salientei dois Artigos), a Seção II trata “Dos Crimes contra a Flora”. Do Artigo 38 ao Artigo 50, essa lei fala, por exemplo, de destruição de florestas de preservação permanente, de provocar incêndio em floresta ou outros tipos de vegetação, de cortar ou transformar em carvão madeira de lei, de destruir ou danificar florestas nativas, plantadas, fixadoras de dunas ou protetoras de mangues. Para cada uma dessas atividades, consideradas crimes, são previstas punições severas, chegando até à prisão por alguns anos.

Existem até mesmo leis que falam de “proteção e direito das plantas”, mas no sentido de garantir o lucro de quem as cultiva. É o caso da Lei de Propriedade Industrial (LPI) e a Lei de Proteção de Cultivares (LPC), cujo objetivo principal é garantir o direito de “propriedade intelectual para cultivares, que são variedades vegetais novas, homogêneas e estáveis. A proteção da cultivar abrange o material de reprodução da planta e assegura ao titular o direito de reprodução comercial no território nacional”, como estabelecido na Lei 9.456/97. Tudo no sentido do que foi criticado por Leopold (1989), de acordo com o qual tudo é governado por interesses econômicos, não pelo respeito nem pela preservação da vida vegetal, e da vida em geral na face da terra.

É importante lembrar que além da devastação de florestas para a pecuária e a plantação de grãos, existem ainda as queimadas, os longos períodos de estiagem cada vez mais frequentes e cada vez mais intensas, a maioria delas provocadas por humanos. Tudo isso leva a uma diminuição da vida vegetal. Enfim, o tópico do vegetalismo foi apenas tangenciado. Quem desejar ver mais investigações sobre ele pode começar lendo Costa Neto & Lins (2022) e a vasta literatura aí mencionada.

### 6. Inorganicismo

A inorganicidade é composta pelo solo (a terra), as águas, o ar (que compreende os ventos). São os componentes abióticos para a existência da vida, que se manifesta no nível da animalidade, da vegetabilidade e da humanidade. A maneira de olharmos para eles constitui o inorganicismo, o animalismo, o vegetalismo e o humanismo. Como adiantado na Introdução, trata-se de posturas ideológicas sobre os quatro níveis. Na presente seção, vou falar um pouco sobre a ideologia da inorganicidade, ou seja, o inorganicismo.

De modo geral, as ciências sociais não muito simpatizantes da inclusão do mundo físico, a inorganicidade, em seus estudos. Mas, como amplamente defendido pelo ecologista americano Aldo Leopold, a ideologia dos três primeiros níveis, que inclui a vegetabilidade e a animalidade, não pode ser ignorada. Afinal, a humanidade está inclusa nelas.

Infelizmente, as situações históricas em que foram levados em conta provocaram distorções inaceitáveis, tais como as ideias de Montesquieu e de Gobineau, o nazismo de Hitler, o darwinismo social e outros. No entanto, existem estudos sérios que partem justamente da inorganicidade visando o bem de todos os seres vivos, não apenas os do próprio grupo como fazia o arianismo

## ECO-REBEL

nazifascista. Um exemplo de bom uso dos componentes abióticos dos ecossistemas é a antropogeografia de Friedrich Ratzel, iniciada no final do século XIX. Ela mostrava o papel do mundo físico (a geografia em seus termos) no surgimento da cultura, a despeito de sua visão antropocêntrica. Para ele e seguidores, “o homem é um produto da face da terra”. Por isso, ele “não pode mais ser estudado cientificamente desligado da terra que cultiva [...] ou dos mares sobre os quais navega, assim como o urso polar ou o cactus do deserto não podem ser compreendidos fora de seus ambientes” (SEMPLE, 1911, p. 1, 2). Essa última asserção implica inclusão, ainda que indireta, da animalidade e da vegetalidade.

Os fundadores da Ecologia (estudo das interações entre os organismos vivos e seu habitat) também foram na mesma direção, a começar do proponente do termo, Ernst Haeckel. Ao definir Ecologia como “ciência das relações do organismo com o mundo externo”, ele salientou que parte delas é de natureza orgânica, parte de cunho inorgânico, às quais o organismo precisa se adaptar. As primeiras são “as propriedades físicas e químicas de um lugar, o clima (luz, calor, relações de umidade e de eletricidade da atmosfera), os nutrientes inorgânicos, as condições da água e do solo etc”. As segundas são constituídas pelas relações do organismo “com todos os outros organismos com os quais ele entra em contato”. Haeckel acrescenta que algumas dessas relações são favoráveis ao organismo, outras, desfavoráveis” (HAECKEL, 1866, p. 286).

O criador do conceito de ecossistema, Arthur G. Tansley também defende ideias parecidas. No seu texto clássico em que propôs o conceito, ele afirma que

*Nossos preconceitos humanos nos forçam a considerar os organismos (no sentido do biólogo) como as partes mais importantes desses sistemas, mas, certamente os ‘fatores inorgânicos também são parte; não poderiam existir sistemas sem eles e há um intercâmbio dos tipos mais variados no interior de cada sistema, não apenas entre organismos, mas entre o orgânico e o inorgânico* (TANSLEY, 1935, p. 299).

Pouco mais tarde, um dos maiores ecólogos disse do ecossistema:

*O ecossistema, ou sistema ecológico, é considerado uma unidade de organização biológica constituída de todos os organismos de uma dada área (isto é, ‘comunidade’) interagindo com o meio físico de modo que o fluxo de energia conduz a estruturas tróficas características e ciclos materiais no interior do sistema* (ODUM, 1972, p. 28).

Enfim, até mesmo nos manuais de introdução à Ecologia e à Biologia se define o ecossistema como composto de uma população de organismos vivos, seu habitat ou meio ambiente, além das interações que aí se dão. O ecossistema é o palco em que se representa o drama da vida e, como palco, é formado inicialmente pelo ambiente físico.

Especificamente da perspectiva ideológica, alguns ecólogos e outros pensadores têm tentado retomar o que para os grupos étnicos tradicionais era evidente: que o solo, a terra, a montanha, os rios, os lagos, o ar, os ventos devem ser reverenciados, pois são vivos. Aldo Leopold, por exemplo, falava em pensar como uma montanha (*Thinking like a mountain*). Diante da morte de uma loba

## ECO-REBEL

que ele presenciou e mudou toda sua visão sobre o mundo, ele disse que “somente a montanha tem vivido o suficiente para ouvir os uivos da leoa” (LEOPOLD, 1989, p. 129). O formulador da Ecologia Profunda, Arne Naess, era um grande admirador das montanhas, que gostava de escalá-las a fim de perceber a grandeza que elas nos mostram.

Em nossa linguagem coloquial ainda se notam restos do telurismo natural existente em muitas pessoas. Por exemplo, quando alguém quer dizer que concorda com determinada ideia mencionada por outrem, pode dizer: “Na minha terra isso significa tal e tal, diz-se isso ou aquilo”. Na África existem provérbios que expressam ideias aparentemente contraditórias, mas que revelam conhecimento do que se passa no mundo inorgânico. Um deles diz que o rio enche o mar; o outro afirma que é o mar que enche o rio. Os dois estão corretos. O que se vê objetivamente são os rios correndo para o mar, mas, sobretudo depois dos estudos de meteorologia, sabemos que a água dos mares evapora formando nuvens, que são levadas de volta para o interior da terra firme, os chamados rios aéreos. Essas nuvens produzem chuvas que alimentam os rios e irrigam a terra, num ciclo de vida constante.

Infelizmente, porém, a ação humana está subvertendo grande parte dessa ordem natural das coisas. Estamos poluindo e degradando o meio ambiente, provocando um aquecimento global que está acelerando grande parte de tudo de ruim que estamos causando no nosso habitat, a ponto de cidades como Pequim, Nova Délhi e outras estarem tão poluídas que causam muitos problemas de saúde em seus habitantes.

Além disso, o nível da água dos córregos, lagos e rios está diminuindo de modo crescente, com alguns deles já secos ou sazonalmente secos. Grandes porções do globo estão desertificadas (deserto do Saara, da Arábia, de Gobi, de Atacama etc.). A tantas vezes mencionadas acima Lei nº 9.605 fala Da Poluição e Outros Crimes Ambientais na Seção III, fala disso. Mas, como sempre, nem no Brasil nem nos demais países em que existem leis equivalentes, as recomendações legais permanecem letra morta.

Como disse Aldo Leopold, “a ética da terra simplesmente expande os limites da comunidade para incluir o solo, as águas, as plantas e os animais ou, coletivamente, a terra”, no sentido de “nossa terra” (LEOPOLD, 1989, p. 204). O inorgânico (bases abióticas) é a base para o vegetal, que provê vida para os animais, de que os humanos fazem parte. Não há nenhuma razão para nossa arrogância antropocêntrica, não somos os reis da criação. O que há é a criação, no sentido religioso medieval, inorgânica, orgânica e superorgânica.

### 7. Discussão

Um amigo me disse que assim que tomou consciência de que a terra em que moramos era redonda, esférica e pairava no espaço, começou a pensar que ela era um ser vivo. Para ele, as rochas (pedras) seriam os ossos, a terra o músculo, as águas o sangue, e o vento a respiração. Tudo que um ser animal precisa ter e é tido como óbvio pelos pequenos grupos étnicos tradicionais. Mas, muito

## ECO-REBEL

mais tarde, depois que virou um pesquisador acadêmico, esse amigo descobriu que o químico James Lovelock escreveu um livro em 1979, intitulado *Gaia: A New Look at Life on Earth (Gaia: Um novo olhar sobre a vida na terra)*, defendendo exatamente a ideia de que a terra é um ser vivo, mostrando ele e os grupos étnicos tradicionais estavam certos.

Lovelock e colegas defenderam a tese de que há interação entre todos os níveis (inorgânico, vegetal, animal não humano e animal humano) e que o inorgânico exerce influência sobre os outros três, assim como eles exercem influência sobre ele. Infelizmente, a ação do animal humano sobre o não humano, o vegetal e o inorgânico está aumentando cada vez mais. O nome disso é devastação do ambiente vital (*Lebensraum*) pelos humanos, que estão destruindo o barco em que navegam.

A despeito das boas intenções das sociedades protetoras dos animais, a despeito da defesa dos direitos deles até por grandes pensadores, a despeito de algumas leis, na realidade continua havendo maus-tratos aos animais, devastação da flora e do mundo abiótico (solo, águas, ar). Mas, o que deveria existir é o que recomenda Aldo Leopold: “uma ética da terra muda o papel do *homo sapiens* de conquistador da terra da comunidade para membro pleno dela” (LEOPOLD, 1989, p. 204), tomando-se comunidade no sentido do ecossistema chamado de comunidade biológica em Ecologia, que é formado pela totalidade de seres vivos como parte do meio em que vivem, também conhecida como biocenose. Ela é diferente do ecossistema chamado de sociedade, que compreende seres de uma única, como os humanos por exemplo.

A Linguística Ecosistêmica e a Análise do Discurso Ecosistêmica que dela faz parte preveem que sem T (território, terra) não há P (povo, população) e sem P não há L (língua, vida social). Sem as bases abióticas (inorganicidade) não há plantas, sem plantas não há animais, sem animais não há ser humano. Este último forja muitas coisas artificiais na fíúza de que são mais importantes do que as coisas da natureza. Porém, vale a pena lembrar que o senhor disse a Adão que ele vinha do pó e ao pó retornaria (*Gênesis* 3,19). A ideia de que não somos superiores aos demais seres, aí inclusos os do mundo inorgânico (pó), recua aos tempos em que a cristandade acredita que teria começado a vida face da terra.

Repitamos, a LE e a ADE não negam a existência de ideologias políticas, religiosas, de gênero, de raça e outras mencionadas acima, mas vê todas elas filtradas pela ecoideologia, a ideologia da vida. A ADE se apropriou de praticamente todos os princípios da Ecologia Profunda, que defende a vida de todos os seres.

A ecoideologia vai além da ética axiológica, que apenas trata de valores (morais, estéticos, religiosos). A ética que ela segue é deontológica, que trata do dever, da obrigação moral e da ação correta. Na Linguística Ecosistêmica e na Análise do Discurso Ecosistêmica, isso significa recomendação para defender incondicionalmente a vida e lutar para evitar qualquer tipo de sofrimento evitável, tais como assassinatos, ferimentos, torturas físicas, espancamentos, socos, beliscões, torturas psicológicas, calúnias, difamações etc. Isso vale não apenas para a humanidade, mas, *mutatis mutandis*, também para a animalidade, a vegetabilidade e a inorganicidade. Ressalte-se, no entanto, que há graus de sofrimento, de modo que no nível da humanidade um beliscão

(sofrimento físico) é muito menos grave do que uma tortura psicológica ou uma desmoralização da pessoa perante o grupo em que convive mediante calúnias, difamações etc. Enfim, defende-se o milagre da vida.

### Referências

COSTA NETO, Eraldo; LINS, Ana C. Estellita. O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre seres humanos e o reino vegetal. *ECO-REBEL* v. 8, n. 2, p. 100-125, 2022. Acessível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/44295/33871>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

COUTO, Hildo Honório do. Ecossistema cultural. *ECO-REBEL* v. 4, n. 01, p. 12-26, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9914/8757>

COUTO, Hildo H.; COUTO, Elza Kioko; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

FERNANDES, Ubirajara M.; SILVA, Márcio M. G.; COUTO, Hildo do. Eventos extremos, antropocentrismo e biocentrismo vistos pela ADE. *ECO-REBEL* v. 11, n. 2, 2025. Acessível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>

HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen. Allgemeine Grundzüge der organischen Form-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie*. Bd. 2: *Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen*.. Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1866.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

LEOPOLD, Aldo. *A sand county almanac and sketches here and there*. New Oxford: Oxford University Press, 1989 (1ª ed. 1949).

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

## ECO-REBEL

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter, 1993.

NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NAESS, Arne. *Life's philosophy: reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.

ODUM, Eugene. The strategy of ecosystem development. In: SMITH, Robert Leo (org.). *The ecology of man: An ecosystem approach*. New York: Harper & Row, p. 28-38, 1972.

SEMPLE, Ellen. *Influences of geographic environment on the bases of Ratzel's system of anthropogeography*. New York: Henry Holt & Company, 1911.

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, p. 284-307, 1935.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Aceito em 20 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.